

# Os “Bastidores” da Mostra de Teatro de Rua do SESC Juazeiro do Norte: Um Olhar Sobre o “Papel” dos Gestores, dos Artistas e do Público

THE “BACKSTAGE” OF JUAZEIRO DO NORTE’S SESC STREET THEATRE SHOW: A LOOK AT THE MANAGERS’ “ROLE”, THE ARTISTS AND THE PUBLIC

**Augusto de Oliveira Tavares <sup>1</sup>**

## RESUMO

O Serviço Social do Comércio (SESC) é uma instituição de caráter privado e sem fins lucrativos, mantida por empresários do comércio. Desenvolve diferentes ações nas áreas de Educação, Cultura, Lazer, Saúde e Assistência voltadas para os comerciários e o público em geral. Neste relatório lancei um olhar sobre os bastidores da realização da II Mostra de Teatro de Rua, promovido pelo Programa Cultura do SESC Juazeiro do Norte-Ce, a fim de compreender a dinâmica da gestão, a relação com os artistas e a forma como o público reage à exibição dos espetáculos que acontecem em espaços públicos em diferentes localidades de diferentes municípios na Região do Cariri. Para tal, acompanhei o trabalho da equipe responsável pelo projeto na Sede do SESC Juazeiro, as articulações com os grupos teatrais e produtores culturais, entrevistei alguns artistas que participaram da Mostra, observei a preparação da infraestrutura em um dos espetáculos bem como a reação do público antes, durante e logo após os mesmos, colocando-me também na condição de espectador não só do espetáculo, mas das relações dos atores sociais em todo o contexto, o que me permitiu estabelecer trocas espontâneas de aprendizagem, desnaturalizando a minha percepção, acostumada ao olhar de mero espectador. Neste relato, registro de forma detalhada o processo de planejamento, acompanhamento e realização dos espetáculos, descrevendo as atividades, rotinas e trocas simbólicas, a partir das minhas impressões, estranhamentos, reflexões e surpresas.

Palavras-chave: SESC, Teatro de Rua, Gestão Social.

## ABSTRACT

*The Social Service of Commerce (SESC) is a private and nonprofit institution of entrepreneurs maintained by private companies. It develops different actions in the areas of Education, Culture, Leisure, Health and Welfare directed to commerce workers and the general public. This report cast a look behind the scenes of the II Street Theatre Show, promoted by the Culture Program of SESC Juazeiro do Norte-CE, in order to understand the dynamics of managing the relationship with the artists and how the public reacts to view the shows that take place in public spaces in different locations in different municipalities in the Region of Cariri. For that, I followed the work of the team responsible for the project at the Headquarters of the SESC Juazeiro do Norte, debates joints with theater groups and cultural producers, interviewed some artists who participated in the Show, I have observed the preparation of infrastructure in one of the shows and the public's reaction before, during and immediately after those plays, putting myself also as audience, not only during the show, but also of the relations of social actors in the whole context, which allowed me to establish reciprocal and spontaneous learning, denaturalizing my perception, accustomed to the look of a spectator. In this report, I describe a detailed record of the planning process, following the implementation of the shows, describing the activities, routines, and symbolic exchanges, from my impressions, estrangements, reflections and surprises.*

*Key Words: SESC; Street Theatre; Social Management.*

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia (UFC); especialista em Gestão Social (UFC-Cariri); graduado em Ciências Sociais (UECE), professor substituto na UFC-Cariri; professor da Faculdade Leão Sampaio (FALS) e membro do seu Comitê de Ética em Pesquisa. E-mail: [aotavares@hotmail.com](mailto:aotavares@hotmail.com).

## As Razões da Escolha

Desde adolescente gostei de teatro. No entanto, meu senso crítico diante a um espetáculo sempre foi mediado pelas emoções, sensações e reflexões que são capazes me despertar. Apesar de meu interesse vir de longe e conviver com artistas nas rodas de amigos, nunca havia pensado sobre a gestão desses eventos, ou seja, sobre todo o planejamento e infraestrutura necessários até que o espetáculo se apresente diante do público.

Enquanto concludente da Especialização em Gestão Social da Universidade Federal do Ceará-Cariri, desafiado a realizar uma experiência de Gestão Social, direcionei meu olhar, quase que espontaneamente, para um universo que me instiga desde a adolescência, o fazer teatral, agora me desafiando a percebê-lo sob uma nova ótica, a da gestão social da cultura.

Este “Diário de Bordo” trata-se, portanto, de uma experiência junto à gestão da II Mostra de Teatro de Rua realizada pelo Programa Cultura do SESC de Juazeiro do Norte-Ce. Período no qual foram estabelecidas trocas significadas com gestores, produtores culturais, artistas e com o público, que contribuíram para ampliar a minha visão sobre o “fazer teatral”, sobretudo no que se refere à construção da cidadania e democratização do acesso à arte.

## Expectativas Iniciais

Inicialmente elaborei outras propostas de Residência Social, mas sempre relacionado à democratização do acesso à cultura. Conforme fui refletindo sobre o assunto e conversando com pessoas ligadas à gestão cultural na região, decidi conhecer melhor a gestão do Programa Cultura do SESC. Logo nos primeiros contatos, descobri que eles articulam diferentes projetos ao mesmo tempo, o que me remeteu a necessidade de delimitar. Não por acaso, escolhi acompanhar a Mostra de Teatro de Rua que estava em pleno processo de gestação, o que me deu uma grata satisfação pela oportunidade de conhecer melhor um campo do qual, até então, tinha sido mero espectador.

Passei a conviver com os “bastidores” (que não se confundam apenas com os camarins), mas própria gestão que está “por trás de tudo”, desde a intenção de democratizar a acesso à arte até a água que precisa ser disponibilizada para os atores nos intervalos das cenas.

Depois de ler alguns projetos do Programa Cultura do SESC, optei pela “Mostra de Teatro de Rua”, sobretudo porque trazia a proposta de trabalhar o espaço público através do teatro numa perspectiva de integrar os “atores sociais” como promoção da cidadania. Ou seja, levar aos “atores” que cotidianamente se valem da praça e são partes integrantes dela, a oportunidade de interagir com espetáculos de alta qualidade, aos quais, normalmente, não teriam acesso.

A praça é um espaço vivo e se define como lócus de cidadania e também de um desafio na sua construção. Dela fazem parte o pipoqueiro, o taxista, o moto taxista, o vendedor ambulante, o flanelinha, o policial, o guarda municipal, os idosos que jogam damas, o mendigo, o bêbado, o “louco”, o hippie, as mães e babás com suas crianças, transeuntes de todas as idades e sexos etc. Até o cachorro que é afastado com pedradas ou ganha algum afago faz parte deste cenário vivo e repleto de relações simbólicas e materiais, marcados por suas contradições, uma vez que a praça pode ser tanto um espaço de liberdade quanto também de “violência” e estigmatização.

O projeto Mostra de Teatro de Rua do SESC, me chamou atenção, sobretudo porque defende o teatro de rua como

Um dos instrumentos mais propícios para contribuir na relação do cidadão com a cidade, uma vez que, quando um indivíduo assiste a um espetáculo na praça, ele está também usufruindo um espaço público de convívio urbano (PROGRAMA CULTURA SESC JUAZEIRO DO NORTE, 2012).

Nesse sentido, o propósito dessa Residência Social foi conviver com a experiência de gestão desse Projeto a fim de compreender as suas peculiaridades e sutilezas e, ao mesmo tempo, refletir sobre o propósito de promover a cidadania através do teatro encenado nos espaços públicos, como uma forma de democratização do acesso à arte e valorização da identidade cultural local.

Inicialmente, eu esperava encontrar no SESC uma equipe focada na realização exclusiva deste projeto, com uma agenda de reuniões e atividades a serem cumpridas, delimitando as atribuições de cada um até a realização dos eventos e, depois, um momento de avaliação. Imaginava uma gestão estratégica voltada para os resultados e aplicação de técnicas da administração tradicional. No entanto, também esperava (paradoxalmente) que toda essa estrutura (imaginada por mim) fosse mediada por um clima de descontração em um ambiente criativo. Pensei que, por se tratarem de “gestores culturais” os servidores do SESC fossem também artistas.

Logo nos primeiros contatos essas impressões antecipadas foram sendo debeladas total ou parcialmente. Assumindo a metodologia de Residência Social somada à minha experiência como pesquisador social, adotei uma postura de quem vai a campo procurando compreender as representações próprias daquele espaço. Sendo inegável que a minha subjetividade interfere na apreensão das relações que se constroem no campo, reconhecê-la, assumi-la é a maneira mais sensata e coerente de construir interpretações possíveis sobre os significados advindo das relações.

### **A Entidade Acolhedora e Seu Funcionamento**

A estrutura organizacional do SESC é complexa. Procurarei descrevê-la resumidamente para me ater ao funcionamento do Programa Cultura, o qual, no meu caso, pode ser considerada a entidade acolhedora, uma vez que a proposta desta residência implica num contato direto com a equipe gestora de um projeto específico e não da gestão do SESC como organização.

De acordo com as informações de sua página na internet, o Serviço Social do Comércio – SESC foi criado em 13 de setembro de 1946 e sua unidade no Ceará em 20 de maio de 1948. O SESC-CE é mantido pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Ceará (FECOMÉRCIO), cujo presidente é também presidente do Conselho do SESC.

Define-se como uma “instituição social, de caráter privado e sem fins lucrativos, mantida por empresários do comércio de bens e serviços” (SESC/CE, 2012). Desenvolve ações diversificadas nas áreas de educação, cultura, lazer, saúde e assistência com o propósito de ser um “agente facilitador da transformação da sociedade, estimulando o desenvolvimento da cidadania e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos comerciários e comunidade em geral...” (op. cit.). O Ceará possui seis unidades do SESC: duas em Fortaleza e quatro

no interior do estado, entre elas a sede de Juazeiro do Norte, no qual se situa o programa e o projeto escolhidos para esta residência.

Como é comum entre as organizações sociais, o SESC tem bem definido a sua missão, visão e valores e, pelo o que conheço como cliente e pude perceber como residente, não se trata apenas meras palavras e sim de princípios que se efetivam na prática.

Missão: Contribuir na construção de uma sociedade mais justa e para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador do setor de comércio de bens, serviços e turismo, prioritariamente de baixa renda, através de serviços subsidiados e de excelência (op. cit.).

Visão: Ser referência regional na prestação de serviços sociais de excelência, com desenvolvimento da cidadania e preservação ambiental (op. cit.).

Valores: Ética; Respeito; Responsabilidade Ambiental; Qualidade; Transparência; Integridade; Parceria; Motivação; Valorização das pessoas; Sinergia com o social; Sincronismo; Inovação. (op. cit.)

A estrutura organizacional SESC-CE tem características hierárquicas e burocráticas com distribuição de setores, cargos e funções como qualquer grande empresa ou organização social. No topo está a Presidência, seguida da Assessoria de Comunicação e Assessoria Institucional de Cultura. Logo abaixo vem a Diretoria Regional seguida da Assessoria de Marketing e Comunicação; Assessoria de Planejamento (ASPLAN) / NDT e Assessoria Jurídica. Na sequência está a Diretoria de Administração e Finanças, seguida da Gerência de Tecnologia da Informação, Gerência Financeira, Gerência de Recursos Humanos, Gerência de Suprimentos e Setor de Obras. Logo depois vem a Diretoria de

Programação Social que abrange as Gerências de: Educação, Lazer, Cultura, Saúde e Assistência, além dos Coordenadores de: Serviço de Atendimento ao Cliente, Turismo Social e Biblioteca, Clínica Sesc Fortaleza, Sesc Senac Iracema.

Esta, portanto, é a estrutura geral do SESC-CE, sendo que cada unidade, as duas da Capital (Fortaleza) e as seis do Interior, têm uma Gerência. A nível regional existe um Conselho (Conselho Regional) composto por doze Delegados das Atividades de Comércio e de Bens e de Serviços, um representante do Ministério do Trabalho e Emprego, um representante do Instituto Nacional de Seguro Social, um representante das Federações Nacionais vinculadas a CNC e três representantes das Centrais Sindicais.

A unidade Juazeiro do Norte-Ce localiza-se à Rua da Matriz, 227 – Centro. Foi Inaugurada em 1966 e, atualmente desenvolve atividades regulares relacionadas

À cultura, educação, esportes, lazer e trabalho com grupos da terceira idade, (...) dispõe de parque aquático, centro esportivos, restaurante, salão de jogos, biblioteca, além do núcleo Sesc Saúde, que oferece serviços de avaliação física, massagem relaxante e entre outros serviços voltados a saúde do comerciário (SESC, 2012).

Cada Programa (Educação, Saúde, Cultura, Lazer, Assistência) tem uma sala de trabalho dentro da Sede que funciona como espécie de “escritório” no qual trabalham um Supervisor do Programa e os técnicos e bolsistas a ele subordinados. Em cada Programa são geridas as ações que fazem parte da programação do SESC ou se elaboram e executam projetos específicos. Nesta Residência Social acompanhamos especificamente o trabalho do Programa Cultura durante a gestão da II Mostra de Teatro de Rua, experiência a qual passamos agora a relatar.

### **A Chegada à Entidade, a Redefinição das Expectativas e do Plano de Trabalho**

Primeiro ato, cena um: Os primeiros contatos

Os primeiros contatos foram com o Supervisor de Cultura do SESC Juazeiro do Norte e se deram por telefone. O objetivo foi indicar do que se tratava a proposta de residência e marcar um horário para uma conversa pessoalmente. Foram dois contatos telefônicos e ainda assim não conseguimos marcar uma data em comum, sempre havendo choque de agendas. Foi quando resolvi fazer uma visita, sem avisar, ao local de trabalho e tentar, na sorte, conseguir falar com ele. Era uma quinta feira, dia 03 de maio de 2012, aproximadamente 17h00min e realmente tive sorte, fui recebido de forma amistosa pela equipe e por ele, mas naquele momento ele não poderia falar comigo por mais tempo. Novamente fomos para o enfrentamento das agendas e marcamos para sábado à tarde. Liguei na manhã de sábado para confirmar a conversa à tarde. Ele lamentou e disse que não poderia me receber, justificando pelo excesso de trabalho e já marcando um encontro para a próxima semana. Garantiu que teríamos a tarde toda para conversar.

Esses contatos iniciais já me deram uma primeira idéia da dinâmica das ações do setor de cultura do SESC. Imaginei o corre-corre diário planejando, executando e resolvendo os imprevistos para a realização dos eventos. Tive a impressão também da necessidade de reuniões, marcadas de última hora, entre os membros da equipe e destes com outros setores ou com os próprios artistas. Dessas percepções algumas vieram a se confirmar posteriormente outras não.

Primeiro ato, cena dois: As impressões do primeiro encontro

Cheguei pontualmente na data e hora marcadas. Expliquei sobre a proposta da residência de uma forma mais detalhada e explanei sobre o meu plano de trabalho, destacando o meu interesse em realizá-la no setor de cultura. Quando o Supervisor começou a entender melhor a proposta passou a me falar das ações realizadas a fim de subsidiar o meu planejamento, destacando sempre que o trabalho que eles realizam ali é, segundo suas próprias palavras, “muito prático”, chegando a repetir essa expressão algumas vezes ao longo de suas explicações, como quem pede desculpas se eu não encontrar por ali o que estava “buscando” ou até no sentido de sugerir que, talvez, não fosse o espaço mais adequado para a realização da minha proposta.

Sentindo isso, fiz questão mostrar, através do que ele mesmo me falava sobre os projetos e tipo de trabalho que realizam, a viabilidade da Residência Social naquele contexto. Ele fez uma exposição didática do trabalho que realizam e, para ficar mais claro, demonstrou como tudo acontece em relação do projeto

“Armazém do Som” em andamento. Eu escutava atentamente e um tanto deslumbrado com a dinamicidade do processo de gestão de um projeto do qual eu fui, muitas vezes, somente expectador.

O Supervisor de Cultura ainda me descreveu mais dois projetos: O “Sertão OTAKO” e a “Mostra de Teatro de Rua”. Logo percebi que o acompanhamento da “Mostra de Teatro de Rua” seria o mais adequado para realização da Residência Social, pois ainda estava no início, enquanto os outros dois já estavam em fase de conclusão.

Enquanto falava comigo, o Supervisor era constantemente solicitado e, nessa dinâmica, ia atribuindo funções e tomando decisões pontuais sobre assuntos específicos, marcando reuniões ou dizendo o que fazer em determinadas situações. Precisou deixar de lado o telefone celular para que a nossa conversa pudesse fluir. Eu pude observar, naquela ocasião, a dinâmica do trabalho que realizam. Eles estão sempre articulando um novo projeto ou uma nova edição de um projeto. É tudo muito dinâmico, como eles mesmos gostavam de enfatizar.

Segundo ato, cena um: O local de trabalho

Tendo me apresentado os projetos, passei a conhecer o ambiente de trabalho. Trata-se de duas salas pequenas. A primeira é cumprida e estreita. Nela ficam três computadores em três mesas dispostas uma ao lado da outra em forma de “balcão”, formando um corredor que dá acesso a sala de trás. Atrás das mesas há arquivos típicos de escritório. Em frente das mesas ficam algumas cadeiras para visitantes ou alguém que esteja resolvendo algum assunto específico. Este ambiente parece funcionar também como “sala de espera”. As paredes são decoradas com motivos regionais como xilogravuras e cerâmicas com personagens em 3D, típicos do artesanato local.

A sala de trás é menor. Nela ficam mais arquivos, muitos DVDs organizados em estantes, materiais diversos provavelmente utilizados na infraestrutura dos espetáculos, um frigobar e sobre ele uma garrafa de café e copinhos de plástico. O espaço me pareceu apertado. Observei que, muitas vezes é utilizado como passagem para outros setores. Da segunda sala abre-se uma porta que dá acesso a um pequeno hall que liga aos banheiros e logo em seguida aos bastidores do teatro. Quem entra pela primeira vez pode se sentir perdido pelo caráter labiríntico de salas que se comunicam entre corredores e portas.

Logo em seguida, solicitei que me apresentasse à equipe, o que o Supervisor fez com uma gentileza que me sentiu honrado em estar ali, sobretudo pela receptividade com que fui acolhido. No entanto, senti a necessidade de desconstruir a imagem de “professor” que eles estavam reproduzindo sobre mim, como alguém que está ali para “pesquisar”. Era comum se dirigirem a mim como “o professor”. De fato sou professor e como tal, já era reconhecido pelos membros da equipe, tanto pela participação em encontros acadêmicos, quanto pela presença e participação em alguns eventos promovidos pelo SESC. Temi que isso viesse a dificultar, de alguma forma a minha experiência de residência social.

A equipe, segundo a avaliação deles mesmos, é pequena e coesa, composta por seis pessoas que, por motivos éticos do trabalho acadêmico, serão identificadas apenas pelo cargo que ocupam ou função que desempenham. Trata-se de um supervisor, três técnicos de cultura, uma estagiária e um técnico de equipamentos. Com exceção deste último, todos são graduados em cursos da área de Ciências Humanas, notadamente, História, Letras, Pedagogia e Artes Visuais. Aproveitei o momento da apresentação para explicar

rapidamente sobre a proposta de Residência Social, solicitar a permissão para acompanhar, durante alguns dias, o trabalho deles e esclarecer que realize esta residência na condição muito mais de “aprendente” do que de professor.

Ao final, consultei sobre dias e horários mais adequados para as minhas visitas e sobre os momentos de reuniões de planejamento para que eu me fizesse presente. Muito amistosamente e já em tom de descontração, eles me explicaram que a dinâmica é aquela mesma que eu estava vendo ali, e que eles estavam sempre se comunicando, não havendo um agendamento prévio de reuniões. Concluí então que eu deveria estar por ali, presente, o máximo de tempo que eu pudesse pelo menos três ou duas vezes por semana.

Segundo ato, cena dois: O cotidiano de trabalho

Logo na segunda semana, eu já estava bem familiarizado com a equipe. Chegando, cumprimentava a todos, novamente pedia licença para observar o trabalho e colocava-me à disposição para ajudar no que fosse necessário e possível. Exceto da primeira vez, dificilmente eu consegui falar com o Supervisor de Cultura por um tempo mais prolongado, devido à dinâmica do seu trabalho. Inicialmente eu dirigia a ele alguma solicitação de esclarecimento. Normalmente conversávamos um pouco sobre o assunto, ele me repassava alguns documentos, planilhas, relatórios e quase sempre me remetia a uma pessoa específica (técnico ou estagiário) que não se eximiam de responder às indagações mais específicas, o que eu procurava fazer de forma moderada para não atrapalhar o andamento dos seus trabalhos.

Tive acesso a alguns projetos do Programa Cultura, além de outros documentos relacionados próprio SESC de forma geral. Antes de me repassar os projetos, o Supervisor me advertiu várias vezes que são “muito simples” e não se tratam de projetos acadêmicos, científicos, segundo ele, “como eu deveria estar acostumado”. Deixou entender que o projeto em si, escrito no papel, não importava muito e sim as ações desenvolvidas. Ele parecia não compreender o porquê do meu desejo de obter esse material. Expliquei que era para eu ter a maior quantidade de informações possíveis e, nesse sentido, tudo relacionado aos projetos desenvolvidos pela equipe seria importante, inclusive para que fosse remodelando o meu plano de trabalho durante a residência. Senti que esse certo “receio” talvez estivesse relacionado ao peso que eles colocavam à minha condição de professor universitário, mas, aos poucos, isso foi sendo relativizado. Penso que a proposta da Residência Social, inserida nos cursos de Gestão Social, tem mesmo o objetivo de proporcionar um tipo de contato no qual as hierarquias devem ser desconstruídas, gerando relações mais horizontais.

Sempre muito gentil, o Supervisor me pedia desculpas por não poder me dar mais atenção, mas fez questão de me deixar à vontade e disse que no que eu precisasse poderia consultá-lo ou a qualquer um da equipe. Eu permanecia na sala, lendo o material que me era disponibilizado e, principalmente, observando e levantando questões ou fazendo perguntas específicas sobre o trabalho que estavam realizando.

Pude observar que cada membro da equipe tem um determinado tipo de atividade, mas que há uma certa “simbiose” nas ações, de forma que estão frequentemente consultando ou pedindo ajuda uns aos outros, em uma relação dialógica. Depois de algum tempo passei a levantar algumas questões cada vez mais específicas sobre o Projeto “Mostra de Teatro de Rua” que me eram esclarecidas pelo técnico responsável. Sem que fosse interrompido o trabalho, tive diálogos bastante esclarecedores. Sempre que necessário para um

melhor entendimento, os técnicos explicavam o que estavam fazendo, dentro do contexto do modelo de gestão do SESC.

Ao longo da minha estadia, pude perceber que a equipe de cultura do SESC atua em diferentes projetos ao mesmo tempo, ou seja, a gestão é dinâmica e integrativa. Ao mesmo tempo em que um técnico de cultura estava fazendo contato com os produtores culturais para o Projeto “Mostra de Teatro de Rua”, outro estava avaliando e selecionando cordéis que artistas encaminham para o SESC a fim de participar de algum projeto ou pleitear uma publicação. Outra estava organizando uma planilha com valores e escala de transporte de outros projetos em andamento. O Supervisor passava alguns minutos no computador, muito concentrado e, de vez em quando se levantava, deslocava-se para outro local, voltava, aparentemente resolvendo algo relacionado ao seu setor.

Nas visitas que se sucederam percebi que o trabalho da equipe seguia uma certa regularidade, desenvolvendo ações de planejamento e execução de atividades específicas relacionado aos projetos. Em relação ao projeto específico de “Mostra de Teatro de Rua” presenciei alguns contatos com os artistas e secretarias de cultura dos municípios, a maioria pelo telefone.

### **O Que Foi Acompanhado: Relato, Narração, Reflexão...**

Terceiro ato, cena 1: uma leitura do projeto “Mostra de Teatro de Rua”

O Projeto “Mostra de Teatro de Rua” está na sua segunda edição. Segundo o técnico de cultura, a primeira foi bem sucedida e por isso começaram a articular a segunda tendo havido solicitação dos grupos teatrais e de produtores culturais de alguns municípios.

O projeto escrito inicia com o título “Mostra de Teatro de Rua”. Logo abaixo, alinhado no canto direito, uma epígrafe de Hannah Arendt me chamou atenção: “O espaço público é constituído pelo discurso e pela ação”, o que denota a preocupação em articular a expressão artística do teatro a uma concepção política e cidadã de “espaço público”. A estrutura do projeto segue o seguinte roteiro: 1. Identificação; 2. Fundamentos; 3. Objetivos; 4. Metas; 5. Conteúdo; 6. Recursos Necessários e um Anexo com o Cronograma de apresentações determinando o dia, local e o grupo a se apresentar.

Nos seus “fundamentos” pode-se ler:

Objetivando promover uma convivência entre todos e todas num espaço público seja ele a praça ou mesmo a rua; é que se idealiza ações como esta aqui apresentada. O teatro de rua é um dos instrumentos mais propícios para contribuir na relação do cidadão com a cidade, uma vez que, quando um indivíduo assiste a um espetáculo na praça, ele está também usufruindo um espaço público de convívio urbano, e o SESC acredita na interação do público com o teatro e na transformação do espaço cênico – uma das principais características do teatro de rua. (PROJETO MOSTRA DE TEATRO DE RUA. SESC-JUAZEIRO DO NORTE, 2012).

O objetivo geral do projeto está definido como “Criar as condições ideais para apresentações de grupos locais, bem como levar ao maior número de pessoas as formas de expressões do teatro de rua” (op. cit.) tendo como meta: “mexer



com o cotidiano das cidades e seus transeuntes. Proporcionando aos atores uma troca rica com a diversidade humana que transita pelo espaço público como ruas, becos, praças e terreiros”. (op. cit.)

Observa-se que, além dos aspectos técnicos formais para a realização das atividades, a elaboração do projeto denota uma clara preocupação com a promoção do “espaço público” através da arte. O pressuposto é de que o Teatro de Rua é uma das formas mais democráticas de expressão artísticas, pois não discrimina público, provocando a percepção de pertencimento ao local, uma vez que possibilita o envolvimento de uma diversidade de expectadores “como ambulantes, transeuntes, comerciários, comerciantes, taxistas, mototaxistas, etc.” (op. cit.). Ou seja, os “atores da vida real”, são os expectadores do teatro de rua, que passam a ter acesso, no “seu palco”, normalmente uma praça movimentada, a uma expressão artística, no geral, restrita ao público específico que frequenta teatros.

O Projeto traz um cronograma de apresentações marcadas para acontecer no período de uma semana em diferentes cidades, já com os espetáculos definidos. Os grupos foram selecionados a partir dos contatos já conhecidos do SESC Juazeiro, a maioria já tendo atuado na primeira edição da Mostra.

O Cronograma previsto inicialmente no projeto sofreu algumas alterações, entendidas pelos membros da equipe como perfeitamente normais, uma vez que, a decisão exata depende de algumas variáveis como a agenda do grupo, disponibilidade do local e da equipe do SESC. No entanto, ficaram mantidos os dias e a maioria dos locais, havendo apenas adaptações quanto a qual grupo iria de se apresentar e aonde. Abaixo, está a programação como de fato aconteceu:

Quadro 01: Programação

<b>Programação</b>	
<b>Dia 11/06</b>	17h - A Vingança do Finado Joaquim – Cia Anjos da Alegria / Crato- CE Local: Milagres (distrito do Rosário) 17h - Charivarí – Grupo Ninho de Teatro / Crato - CE Local: Mauriti
<b>Dia 12/06</b>	17h - A Vingança do Finado Joaquim - Cia Anjos da Alegria / Crato - CE Local: Tipi (Aurora) 18h - Esperando Comadre Daiana – Cia Livre Mente de Teatro / Juazeiro do Norte - CE Local: Simão (Porteiras)
<b>Dia 13/05</b>	15h - Terreiro de História – Grupo Armadilhas Cênicas / Crato - CE Local: Jati 17h30 - Charivarí – Grupo Ninho de Teatro / Crato - CE Local: Brejo Santo
<b>Dia 14/06</b>	18h - Nas Garras do Capa Bode – Cia Wancilu's / Crato - CE Local: Correntinho (Barbalha) 18h - Esperando Comadre Daiana – Cia de Teatro Livre Mente / Juazeiro do Norte - CE Local: Penaforte
<b>Dia 15/03</b>	17h30 - Romeu e Julieta – O encontro de Shakespeare e a cultura popular / Fortaleza - CE Local: Praça do Giradouro (Juazeiro) (SESC-CE, 2012)

Fonte: elaboração própria com base nos dados do Sesc/CE.

Dessa programação, acompanhei o espetáculo “Charivari” encenado pelo Grupo Ninho na cidade de Mauriti, experiência que relata mais adiante.

Terceiro ato, cena dois: percepções sobre o trabalho dos gestores e o papel da instituição

O SESC financia totalmente o evento com equipamentos, transporte, alimentação e cachê para o grupo. Algumas prefeituras, através de suas secretarias de cultura ou educação, entram com a contrapartida de disponibilizar o local e adequá-lo caso seja necessário, mas toda a infraestrutura, de forma geral, é de responsabilidade do SESC. O técnico cultural é o responsável por fazer o contato com os produtores culturais, diretores e representantes da prefeitura ou outras entidades parceiras, quando é o caso. Surpreendeu-me a informação de que algumas prefeituras, através de suas secretarias, recusam o espetáculo ou apresentam resistências, precisando demandar um trabalho de convencimento. Para evitar possíveis entraves, o SESC Juazeiro costuma realizar os espetáculos em cidades e locais onde há sabe que serão bem aceitos e desejados, mas sempre procurando inovar no sentido de tentar expandir também para outras localidades.

Não há entre o SESC, os grupos de teatro ou as prefeituras, um contrato formal estabelecendo as condições, critérios e contrapartidas. Pelo que me pareceu há um nível de seriedade e profissionalismo já reconhecido e legitimado, o que torna a relação mais fácil e menos burocrática. Percebi que há um clima de confiança mútua.

Os locais de realização dos espetáculos seguem uma lógica da “jurisdição” interna. Ou seja, o SESC Juazeiro tem definido alguns municípios e áreas de atuação diferentes do SESC Crato para evitar duplicidade de trabalhos. Percebi, nas entrelinhas das falas dos técnicos, que isso seria para evitar uma certa “rivalidade” entre os SESC Crato e Juazeiro, mas o assunto foi encerrado.

Segundo um dos técnicos responsáveis pelo projeto, há um grande interesse por parte dos grupos e artistas em participar dos eventos. Normalmente são eles que procuram o SESC. Alguns que já tem uma trajetória de trabalho juntos, acabam sendo convidados diretamente.

Durante o a minha experiência junto à equipe, ouvi expressões ditas em tom de descontração que indicam o quanto é difícil “trabalhar com artistas” em função de algumas tensões motivadas por cobranças desmedidas, necessidade de resolver as coisas na última hora, etc. No entanto, essas “tensões” não me pareceram ter uma repercussão negativa na equipe, sendo mediadas com profissionalismo. Perguntado sobre o assunto, os membros da equipe dizem que “faz parte do trabalho”. Percebi que os gestores do SESC já estão bem adaptados a circunstâncias peculiares dessa a atividade. Um dos técnicos fez questão de esclarecer que o SESC procura planejar bem as ações de forma que tudo ocorra a contento, porém havendo necessidades imediatas que possam ser atendidas sem maiores problemas, o SESC faz questão de providenciar para que o espetáculo tenha o melhor resultado possível.

Na prática, no dia do evento, o técnico responsável pelo projeto confere se as providências necessárias para a infraestrutura, transporte, lanche, contato com as pessoas responsáveis no local da apresentação, etc, foram devidamente tomadas. Procuram não deixar nada para última hora e, nas experiências que eu pude observar, não identifiquei contratemplos nem nervosismos. O trabalho pareceu-me ter uma qualidade técnica e profissional satisfatória.

Terceiro ato, cena três: contato com os produtores culturais e artistas

Realizei entrevistas semiestruturadas com dois diretores de grupos de teatro diferentes que participaram ativamente tanto da primeira quanto da II Mostra e têm tradição de trabalho junto ao SESC. Apesar das dificuldades iniciais de agenda, fui muito bem atendido por ambos. Com os artistas conversei apenas informalmente depois dos espetáculos.

No geral, os entrevistados concordam que a gestão de cultura do SESC contribui para a democratização do acesso à arte, até cumprindo ou superando um papel que, segundo eles, deveria ser das prefeituras através das secretarias de cultura.

A esse respeito, assim se referiu o coordenador do Grupo Ninho do Crato:

“O SESC é uma instituição que tem contribuído muitíssimo para cultura do país... Ele está inserido em lugares que (...) o papel mesmo de gerenciamento da cultura enquanto uma ferramenta de acesso à população... Essa coisa que a gente tem escutado muito de democratização dos bens culturais né... As prefeituras, elas que são as instituições que a gente imagina que deveria assumir esse papel, elas não... Muitas vezes elas não conseguem... E o SESC tem feito isso e feito muito bem né. (...) Dar acesso a pessoas das mais diferentes linguagens que compõe esse mosaico da cultura. Eu acredito que o SESC tem fomentado muitíssimo tanto no que diz respeito à formação como também à apreciação”. (Informação Verbal 01 ).

Sobre o mesmo assunto o presidente da companhia de teatro Livrementemente teceu argumento semelhante:

“O SESC responde por uma atitude de valorização no que diz respeito ao fazer cultural. O SESC faz, diretamente com os artistas, o que os órgãos constituídos, municipal e estadual deviam fazer e não fazem. Então o que a Secretaria de Cultura do Município não faz, o SESC... Responde por essa valorização”. (Informação Verbal 02 ).

O que eu pude observar na prática é que há uma percepção generalizada entre a equipe gestora, os grupos teatrais e artistas contatados, que o SESC valoriza o fazer cultural na região, merecendo destaque. Foram muitos os trechos das entrevistas que apontaram para isso.

Outro fator de concordância foi quanto ao profissionalismo e a qualidade da gestão cultural do SESC. Falando especificamente sobre a Mostra de Teatro de Rua, vale notar como se referiram os entrevistados:

O depoimento a seguir, destaca o papel do SESC ao estabelecer parcerias e o cuidado com os detalhes necessários para o bem estar e conforto dos artistas:

“No caso específico da mostra de teatro de rua, eu observo que sempre é estabelecido essa parceria com o município (...) e aí sempre tem uma Secretaria de Cultura Local que apoia... A recepção mesmo, o local que o grupo vai chegar na cidade, que vai ter o local... Que vai servir como camarim, que vai servir água, essa coisa toda, pra se

maquiar, pra se vestir, pra tomar um banho e também essa questão do lanche né, sempre é esse apoio local que dá. O SESC Juazeiro, quando a gente pega o transporte para de deslocar, ele já serve água, já serve um pequeno lanche, mas quando a gente chega lá é o apoio local, seja prefeitura, ou uma associação, uma entidade, uma ONG, porque a parcerias elas se dão de diversas formas”. (Informação Verbal 03 ).

O depoimento do presidente da Companhia de Teatro Livremente destaca a excelência da logística, o tipo de relação e o apoio prestado pelo SESC. Falando especificamente da II Mostra de Teatro de rua, ele declara:

“A infraestrutura dada é fantástica, a gente vai com transporte, alimentação, o transporte vai deixar a gente em casa, só falta botar a gente no andor. E está nesses lugares que levaram a gente é muito bacana... Em cada lugar tem algum contato... Há uma equipe completa... Primeiro eu acredito que há uma equipe que faça lá uma produção porque quando a gente chega já está todo mundo sabendo na cidade... O que eu noto também é que há uma rede... Em cada cidade eles têm uma... Pessoa, um contato. Nunca de prefeitura, mas de alguma ONG. A equipe do SESC nos acompanha com infraestrutura... É tão delicado o trabalho, é assim que eles levam aguinha pra gente, suco numa caixa de isopor geladinho. Aí chega lá tem um lanche... E dois tem um jantar... Eles têm uma coisa de engorda, uma dieta pra engordar ator (risos)”. (Informação Verbal 04 ).

Os depoimentos dos produtores culturais foram muito positivos na qualificação da gestão. Destaquei aqui os trechos que me pareceram mais significativos. No geral, não houve, nos depoimentos, críticas ou queixas em relação à gestão de cultura do SESC. Ao contrário, destacou-se o profissionalismo e a capacidade de diálogo, sobretudo da gestão atual. As possíveis falhas são facultadas às circunstâncias específicas e esporádicas ou à novidade que gerir a cultura representa, destacando, sobretudo a ausência, na região, de cursos de formação para gestores culturais, que têm de aprender tudo na prática, pela experiência. Os entrevistados concordam que gestão cultural na região é algo novo e desafiador, mas o SESC se destaca nesse setor, partindo na frente de qualquer outra instituição.

Terceiro ato, cena quatro: Observação no local e minha percepção da reação do público

Acompanhei a organização do espetáculo “Charivari”, encenado pelo Grupo Ninho na cidade de Mauriti. Em relação ao trabalho realizado pela equipe gestora quanto à infraestrutura, os depoimentos anteriores já são bem representativos do tipo de articulação, qualidade dos serviços e satisfação dos artistas. Vou, portanto, me ater às percepções quanto ao grande “cenário social” que envolveu a realização do espetáculo.

O termo “Charivari”, que dá título ao espetáculo, está relacionado a um ritual de punição que acontecia na Idade Média, em praça pública. No dia de Charivari, as pessoas se reuniam e aquelas que haviam “pecado” eram escarnecidas publicamente. A peça é uma crítica contundente à moral tradicional da Igreja Católica, aos seus pudores instituídos que massacram a sexualidade.

Denuncia como a Igreja foi, ao longo do tempo, aprisionando as pessoas, alienando-as da sua própria sexualidade. Em uma determinada cena, o Diabo entra em uma capela católica medieval, com todos os seus símbolos religiosos representados e diz que vai desvirtuar a todos. O Diabo se disfarça com a batina do padre e, num jogo libidinoso de sedução, vai conquistando a beata, o sacristão, etc.

Logo no início desconfie que a combinação entre o conteúdo da peça e o local no qual ela estava sendo encenada (em frente a uma igreja católica), para um público eclético e não selecionado fosse gerar reações negativas. Porém, como a peça é bastante musical e festiva, isso retinha a atenção das pessoas, mesmo que não estivessem entendendo ou não concordando com o conteúdo. Percebi, no entanto, que algumas pessoas continuavam transitando ou saindo antes do final. Alguns apreciavam à distância e outros pareciam ignorar. Tais reações não pareceriam incomodar os atores nem os membros da equipe do SESC que cuidavam da infraestrutura. Concentrados, todos se portavam de maneira muito profissional.

O mais marcante, no entanto, foi que os alto-falantes posicionados na Igreja começam a anunciar uma chamada para o “Terço dos homens” atrapalhando o espetáculo. Nesse momento o técnico do SESC, responsável pelo projeto, dirigiu-se à Igreja, tentando negociar a suspensão da chamada, sem sucesso.

Este fato me fez refletir: Encenar uma peça, com este conteúdo, em frente uma Igreja Católica, foi uma forma de crítica? A equipe gestora, conhecedora do conteúdo da peça e do local da encenação poderia antecipar essa reação, adotando alguma medida preventiva quanto a isso? A ação da Igreja, com a chamada para o terço na hora da peça, foi proposital? Teve como finalidade de atrapalhar o espetáculo?

Depois da peça, conversando entre alguns atores sobre o assunto, ouvi depoimentos de que aquele espetáculo exige um público minimamente “iniciado”, ou seja, acostumado com o teatro, o que, pelo que eu percebi, não era o caso. Quanto ao local, houve concordância de que seria o mais adequado, não exatamente por conta da Igreja, mas por ser a praça mais central e melhor estruturada da cidade. Sobre o propósito de a Igreja atrapalhar intencionalmente o espetáculo, todos disso desconfiaram. A produção montada pelo SESC e a iniciativa de negociar o desligamento dos autofalantes, embora não tenha dado certo, foram reconhecidas e bastante elogiadas pelos atores com quem conversei.

Observando as reações do público durante o espetáculo e logo depois, percebi uma dispersão maior do que eu esperava. Embora muitas pessoas estivessem atentas e acompanhando o espetáculo até o final, algumas se mantiveram dispersas, chegavam e saíam, outras conversam alto incomodando a quem queria escutar. Conversei informalmente com algumas pessoas sobre o espetáculo. No geral as reações foram positivas. Os depoimentos destacavam: a importância de trazer para praça esse tipo de atração, já que a maioria da população não tem acesso e a oportunidade dos atores mostrarem os seus trabalhos.

### **Fechando a Cortina e Preparando o Próximo Espetáculo**

A aprendizagem proporcionada por uma Residência Social não deriva da aplicação de um instrumental técnico, portanto não haverá um modelo único. A proposta postula a aprendizagem como uma construção intersubjetiva somente possível através da interação entre os sujeitos, como acontece, de fato, na vida.

Refletindo sobre a ideia geral de Residência Social, Schommer e França Filho (2010, p. 211) esclarecem que

A ideia de articulação entre diferentes níveis de abordagem da realidade toca a essência mesmo deste tipo de prática que reúne, a um só tempo, características de estágio, de consultoria e de pesquisa social. O princípio é de que o estudante aprende à medida que se envolve com o cotidiano da gestão de uma ou mais organizações (o que reflete o sentido do estágio – mesmo que este na prática nem sempre ocorra assim), ao passo que auxilia as organizações acompanhadas, ao oferecer aportes técnicos, os quais podem trazer como fruto da sua vivência acadêmica (o que viria representar aqui um certo papel de assessoria ou consultoria). Esse processo, por outro lado, tende a estimular reflexões a respeito da gestão, o que reflete o caráter de pesquisa desta prática.

Considerando esses aspectos é forçoso concluir que a minha experiência foi única, construída pelo confronto comigo mesmo proporcionado pelas relações e reflexões que consegui estabelecer com o Programa Cultura do SESC. Experimentei a dimensão mais subjetiva da gestão social, a que diz respeito ao contato direto com as pessoas a partir de seus universos simbólicos. Entretanto, a Residência que consegui concluir esteve mais direcionada à pesquisa social de caráter etnográfico do que ao “estágio” e “consultoria”, indicados na citação precedente.

Conviver com o grupo gestor do Programa Cultura do SESC, conhecer o seu ambiente de trabalho, observar o tipo de relação com os produtores culturais e artistas e a reação do público diante a efetivação de um projeto, foi uma experiência desafiadora que me deixou animado a aprimorar a prática em uma nova oportunidade, em outro contexto.

Contudo, depois dessa vivência, jamais assistirei um espetáculo com os mesmos olhos. Minha percepção, agora ampliada, conduz a uma mudança de atitude enquanto platéia e cidadão, capaz de enxergar o fazer teatral dentro de uma perspectiva não só do conteúdo ou da estética, mas da própria gestão social, que envolve uma perspectiva ética e política. Assim, daqui por diante, quando eu ovacionar um espetáculo de pé, tendo a reverência dos atores à minha frente, não serão apenas os autores que estarei aplaudindo e sim toda a gestão (que ninguém viu), mas foi fundamental para que o espetáculo acontecesse como tal e, se assumindo os princípios da gestão social, estarei aplaudindo também a própria iniciativa de promover uma ação integrativa e humana através da arte, como condição de enfrentamento das formas de exclusão e alienação.

## Referências

PROGRAMA CULTURA SESC JUAZEIRO DO NORTE. Mostra de Teatro de Rua, 2012.

SCHOMMER, P.C.; FRANÇA FILHO, G. C. A metodologia da residência social e a aprendizagem em comunidades de prática. In: NAU - Revista Eletrônica da Residência Social do CIAGS/UFBA, Salvador, v.1, n.1, p. 203-226 Jun/Nov 2010.

Serviço Social do Comércio - Departamento Regional do Ceará (SESC/CE). Quem somos. Disponível em: <[http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=47&Itemid=73](http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=73)>. Acesso em: 04 de setembro de 2012.

\_\_\_\_\_. Missão. Disponível em: <[http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=47&Itemid=73&limit\\_start=3](http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=73&limit_start=3)>. Acesso em: 04 de setembro de 2012.

\_\_\_\_\_. Mostra de Teatro de Rua no interior do Estado. Disponível em: <[http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=322:mostra-de-teatro-de-rua-no-interior-do-estado&catid=35:materia&Itemid=82](http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=322:mostra-de-teatro-de-rua-no-interior-do-estado&catid=35:materia&Itemid=82)>. Acesso em: 07 set. 2012.

\_\_\_\_\_. Unidade Juazeiro do Norte (Interior). Disponível em: <[http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=75&Itemid=85](http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=75&Itemid=85)>. Acesso em: 04 set. 2012.

\_\_\_\_\_. Valores. Disponível em: <[http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=47&Itemid=73&limit\\_start=5](http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=73&limit_start=5)>. Acesso em: 04 set. 2012.

\_\_\_\_\_. Visão. Disponível em: <[http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=47&Itemid=73&limit\\_start=4](http://www.sesc-ce.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=73&limit_start=4)>. Acesso em: 04 set. 2012.